

As fontes textuais e materiais e a sua contribuição no estudo sobre a conectividade entre gregos e não-gregos na Sicília antiga

Textual and material sources and their contribution to the study of connectivity between Greeks and non-Greeks in Ancient Sicily

Viviana Lo Monaco*

Resumo: O surgimento das fundações (*ktíseis*) gregas na Sicília e na Itália do Sul é datado do final do séc. VIII a.C. Os gregos, porém, não chegaram em uma *éremos khóra* (terra vazia) ou em um lugar totalmente desconhecido; pelo contrário, há testemunhos de contatos entre povos da Itália e da Grécia a partir do Bronze antigo. Nas fontes antigas, encontramos uma tradição mitológica bem construída como prova de uma ligação ancestral entre as duas terras, mas é na cultura material que somos capazes de enxergar os contatos e o grau das conexões entre grupos sociais. Nesse texto é abordado o caso da Sicília, da Idade do Bronze à época arcaica. Por meio da observação das fontes literárias e, principalmente, das fontes materiais se desvenda um emaranhado de conexões reforçadas por trocas no âmbito artístico, tecnológico, político e social.

Abstract: The appearance of Greek settlements (*Ktíseis*) in Sicily, Italy, is dated to the end of the 8th century BC. The Greeks, however, did not arrive to an *Éremos Chóra* (empty land) or to somewhere completely unknown; rather, there is evidence of contact between Italian and Greek people since the Early Bronze Age. In the ancient sources we find a well-constructed mythological tradition that is proof of an ancestral link between the two lands, but it is in the material culture especially that we are able to see the contacts and the degree of the connections between social groups. This paper focuses on Sicily, from the Bronze Age to the Archaic Era. Through the observation of literary sources and, principally, material objects, we unveil an entanglement of connections reinforced by exchanges in the artistic, technological, political and social realms.

Palavras-chave:

Conectividade.
Identidade.
Cultura Material.
Arqueologia do Mediterrâneo.
Sicília antiga.

Keywords:

Connectivity.
Identity.
Material Culture.
Mediterranean
Archaeology.
Ancient Sicily.

Recebido em: 05/05/2020

Aprovado em: 02/06/2020

* Pós-doutoranda pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FCHS/Unesp-Franca). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Introdução¹

Agradeço aos colegas a oportunidade de contribuir na produção desse interessante dossiê, que se propõe a abordar o tema tão atual e complexo dos contatos e da conectividade no contexto da expansão grega no Mediterrâneo. Ofereço, portanto, essa modesta contribuição que é fruto da pesquisa do meu doutorado,² à qual estou dando continuidade com um projeto de pós-doutorado desenvolvido na Unesp e amparado pela fundação Fapesp.³

Nessa contribuição, trago o estudo de caso da Sicília (Itália), a maior ilha do Mediterrâneo. A Sicília é um exemplo perfeito para entender a importância das conexões, as suas dinâmicas e o seu papel na formação da(s) identidade(s) dos povos na pré e proto-história do Mediterrâneo.⁴ Isso porque se trata de um lugar com uma história de migrações complexa e sobretudo intensa, como tentarei mostrar aqui. Os contatos e os movimentos dos grupos trouxeram mudanças importantes não apenas entre gregos e não-gregos, mas também entre os próprios grupos étnicos de origem helênica, que, a partir do séc. VIII a.C., se estabeleceram no litoral (principalmente na parte oriental da ilha). A interação entre os grupos deu origem a uma produção material e imaterial visível nos vestígios arqueológicos e presente na tradição escrita de matriz grega.

A literatura grega foi construindo uma tradição mitológica e histórica voltada a demonstrar os antigos laços entre a Sicília e a Grécia balcânica, de forma a justificar e legitimar a presença das etnias helênicas no território. Além da tradição escrita, a principal ferramenta dos estudos arqueológicos são as fontes materiais, que – se interpretadas com um olhar o quanto mais possível objetivo – podem confirmar as fontes literárias ou desmistificá-las, mostrando uma história muito diferente, em que os únicos protagonistas não são os gregos, mas todos os componentes das comunidades envolvidas nas relações socioculturais, que se desencadearam em consequência dos encontros e do convívio.

¹ Na redação do presente texto, com relação ao uso e à transcrição do léxico grego, seguimos as regras sugeridas no Glossário redigido pelo Labeca/MAE/USP (2010). As obras clássicas e seus autores são citados conforme as normas estabelecidas no *Oxford Classical Dictionary*, disponível em: <<https://oxfordre.com/classics/fileasset/images/ORECLA/OCD.ABBREVIATIONS.pdf>>. Acessado em: 30 abr. 2020.

² O título da tese de doutoramento depositada no MAE/USP é: *Redes de interação entre gregos e não gregos: os frúria da hinterlândia da Sicília grega*, orientada pela Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Borba Florenzano. Processo Fapesp 2015/03580-3. Disponível on-line em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-23112018-093434/pt-br.php>>.

³ O título do projeto de Pós-doutoramento é “Povos e movimentos na Sicília central: padrões de assentamento e mudanças de um território na Antiguidade”, atualmente desenvolvido na FCHS-Unesp-Franca, com a supervisão da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho. Processo Fapesp 2019/11731-2.

⁴ No contexto europeu, com essa definição consagrada na literatura científica, entende-se o período da história humana que vai do começo das primeiras manifestações materiais até a introdução da escrita na Idade do Ferro no Mediterrâneo oriental, ou seja, no séc. XII a.C. Todavia, é preciso destacar que, na Itália, a Idade do Ferro começa mais tarde, portanto quando falamos de proto-história italiana, consideramos o período que vai até o séc. XI a.C.

Antes de entrar no cerne da questão, acho interessante entender um pouco mais sobre alguns conceitos com que pretendo trabalhar no presente estudo. Tais conceitos envolvem a relação entre a formação da identidade e as formas das conexões entre pessoas e objetos.

Identidade, conectividade, redes e teias⁵

O conceito de “identidade” foi amplamente abordado pelos estudiosos das Ciências Sociais – principalmente pela Antropologia – e analisado nos mais variados contextos geográficos e históricos. Não é este o lugar para procurar as origens do interesse por um conceito tão multiforme, portanto me limitarei a indagar o aspecto da identidade que caiba entre os limites dessa contribuição. Como lembrado por Mario Mazza (2006, p. 1), a identidade pode ser definida como a adesão a um grupo social ou cultural, o que quer dizer que ela é sempre uma identidade específica e particular. O ser humano não pode ser considerado fora do seu próprio contexto histórico e a sua identidade está ligada ao grupo ao qual ele pertence, por isso, se ele criar contatos com um grupo diferente, dará êxito a uma identidade diferente (PLATVOET; TOORN, 1995, p. 352). A expressão da identidade indígena da Sicília na cultura material à época do contato com os gregos traz exemplos emblemáticos a respeito de tal questão.

Para abordar as questões de identidade, contato e conectividade, muitos arqueólogos recorreram ao conceito de “rede” (*network*), que ganhou certo espaço na literatura contemporânea das Ciências Sociais. No panorama dos estudos clássicos, Malkin (2003) se ateu à Teoria das Redes em contraposição à Teoria do Sistema Mundo, de Immanuel Wallerstein, que teve grande peso na literatura antropológica e arqueológica (DAVERIO ROCCHI, 2010). Esta teoria se baseava na relação entre centro e periferia: o centro representaria a parte ativa, propulsora das mudanças, que se impõe a uma periferia passiva, confinada aos limites. Entre os limites dessa abordagem, havia uma inevitável negligência em considerar as variações locais e, precisamente, a agência da periferia (DIETLER, 1999, p. 482). Malkin inverte esta perspectiva e vê na criação das *apoikiai*, entre o final do séc. VIII e o começo do V a.C., o fenômeno propulsor do surgimento e consolidação da helenidade, isto é, de uma consciência comum e compartilhada das raízes culturais e religiosas que caracterizavam a identidade do povo grego. Isso determinou novas conexões entre os próprios gregos: os grupos que da Grécia balcânica viajavam pelo Mediterrâneo e se estabeleciam nos litorais carregavam consigo as mesmas tradições,

⁵ O assunto é abordado de maneira mais ampla em Lo Monaco (no prelo).

regras, cultos, linguagem e tinham que enfrentar os mesmos problemas (DOUGHERTY, 1993). A distância da metrópole fazia com que os *ápoikoi* procurassem um nexos que os juntasse na experiência “colonial”, pois a consciência da semelhança não ocorre quando as pessoas estão perto umas das outras, mas quando estão distantes.⁶ O encontro com populações de diferente cultura, conhecimento técnico e religião, ajudou ainda mais a criar ligações “entre iguais”. Os gregos que se estabeleceram fora da terra-mãe, embora conscientes da sua própria identidade helênica, criaram uma consciência filha de uma nova realidade e do contato com as populações locais (MALKIN, 2011). Vale aqui lembrar também o discurso de Vlassopoulos (2007, p. 17-19) sobre a maneira de entendermos a Teoria do Sistema Mundo. Ele argumenta que esta teoria nos permite estudar como as redes funcionam. Conforme colocado pelo autor, não existe apenas a relação centro-periferia dentro desse sistema, mas várias formas de interação e processos, vários sistemas-mundo que são capazes de coexistir. Uma alternativa à Teorias das Redes é oferecida pela noção de “teia” (*meshwork*) formulada por Ingold (2011). O antropólogo propõe pensar o conjunto das experiências humanas não como um sistema de pontos distantes e interconectados por linhas, mas como um emaranhado de fios que criam uma estrutura orgânica, semelhante a uma teia de aranha (INGOLD, 2011, p. 86-8; 89-94).⁷ Ainda que ligada à área da bio-antropologia, esta perspectiva se aproxima à da mobilidade em um mundo fluido colocada por Morris (2003, p. 38) e Vlassopoulos (2007, p. 16).⁸

A ideia do emaranhamento (*entanglement*),⁹ a meu ver, oferece a melhor perspectiva para a interpretação da relação entre gregos e não-gregos, pois ela foge de esquemas rígidos e considera as sociedades como um elemento vivo, mutável, e com uma agência determinante nas mudanças culturais (LO MONACO, 2019). Observando as dinâmicas da aceitação ou da rejeição do elemento alógeno, podemos estudar as relações de poder e de dependência que se criaram gradualmente no contexto “colonial”. A teoria do consumo (DIETLER, 1999; 2010), que trabalha justamente a cultura material em termos da relação consumidor-objeto, visa a colocar as histórias locais dentro dos processos globais de maneira flexível, considerando a cultura não apenas como um produto histórico e herdado do passado (estático), mas também como um projeto criativo contínuo (dinâmico) (DIETLER, 1999, p. 485).¹⁰ Esse modelo de interpretação é um instrumento que ajuda a

⁶ Sobre este assunto, veja-se também Moggi (2008, p. 55-57).

⁷ “[...] volto à importância de distinguir a rede como um conjunto de pontos interconectados da malha como um entrelaçamento de linhas. Cada linha descreve um fluxo de substância material em um espaço que é topologicamente fluido. Concluo que o organismo (animal ou humano) deve ser entendido não como uma entidade limitada cercada por um ambiente, mas como um emaranhado ilimitado de linhas no espaço fluido” (INGOLD, 2011, p. 64).

⁸ O mesmo conceito está associado ao de rizoma já considerado por Malkin (2003, p. 56, 57).

⁹ Há várias abordagens que trabalham esse conceito, entre os trabalhos mais recentes, cf. Der e Fernandini (2016).

¹⁰ Veja-se, também, Ingold (2004).

entender por que certas práticas e certos bens de consumo se tornaram parte da vida cotidiana das pessoas, enquanto outros foram rejeitados, provocando um processo de emaranhamento e transformação social (DIETLER, 1999, p. 484).

As fontes textuais: os povos nativos da Sicília e os *ápoikoi* na tradição escrita

As fontes textuais são muito importantes no estudo da Arqueologia Clássica. Os pesquisadores dessa área frequentemente têm o privilégio de contar com a narração escrita dos acontecimentos do passado e podem usar isso como ferramenta para auxiliar na interpretação da cultura material. Todavia, é necessário ter uma grande cautela ao valer-se desse tipo de fonte direta, pois são o produto de uma ideologia e de uma visão de mundo de determinado grupo social em determinado período histórico. No caso da Sicília antiga, por exemplo, as subdivisões e as denominações dos povos nativos que habitavam a ilha são baseadas a partir do olhar dos gregos, que, séculos após os acontecimentos, tentaram reconstruir a história da Sicília antes do séc. VIII a.C.

Autores como Tucídides (V séc. a.C.) ou Diodoro Sículo (I séc. a.C.) procuraram as suas informações em historiadores mais antigos – cujas obras não possuímos ou possuímos apenas em fragmentos – também de origem grega e que, por sua vez, relatavam notícias transmitidas oralmente há muitos anos. A tradição escrita sobre os povos não-gregos, portanto, é uma construção dos gregos e por isso reflete um ponto de vista nem sempre objetivo e por vezes carregado de certo preconceito, que na cultura grega constitui um *topos* que não pode ser negligenciado na hora de trabalharmos com as fontes textuais (cf. GAZZANO, 2009).

Historiadores e arqueólogos convidam a refletir sobre a dificuldade de nos basearmos exclusivamente em fontes textuais ou em fontes materiais. Como aponta Pancucci (2006, p. 109ss), no primeiro caso, o risco é de reconstruir uma história filtrada por um modelo interpretativo – o dos historiadores gregos – aplicado a um mundo já distante no tempo e “nebuloso nos fatos”; enquanto no caso das fontes materiais interpretadas pela Arqueologia, nem sempre podemos dar conta dos vários fatores que levaram à formação de determinados contextos ou escapar dos condicionamentos modernos. Albanese Procelli (2003, p. 23) aponta que também é arriscado identificar as “culturas” com os “*éthne*” (ANTONACCIO, 2004, p. 61).¹¹ De uma forma geral, as fontes textuais antigas, com seu olhar helenocêntrico, não se interessaram pela história dos

¹¹ No léxico da literatura arqueológica siciliana, as culturas identificáveis ao longo da época pré e proto-histórica na ilha são geralmente definidas como “fases” (*facies*), como explicarei mais adiante.

povos locais e, por isso, relataram informações nem sempre unívocas ou até manipuladas (GALVAGNO, 2006, p. 28; MICCICHÈ, 2011, p. 24).

A criação de uma tradição mitológica localizada na Sicília foi um instrumento valioso para reivindicar laços ancestrais dos gregos com a ilha. Tais antigos contatos têm um reflexo no mito de Dédalo e no da passagem de Hércules pela Sicília. Tais fontes relatam que Dédalo,¹² para fugir de Minos, se abrigou em Kámikos, cidade do rei Kókalos, no território de Agrigento. Minos, perseguindo Dédalo, teria chegado na Sicília e encontrado o rei Kókalos, que o teria assassinado. Então, os cretenses construíram um templo dedicado a Afrodite e, não podendo voltar para Creta porque os sicânios tinham queimado os seus navios, ficaram na ilha e fundaram Mínoa,¹³ perto do delta do rio Plátani, e Engyon.¹⁴ Conforme alguns historiadores, esse mito seria a manifestação oral de reminiscências dos contatos entre povos sicilianos e egeu-cipriotas (SAMMARTANO, 1998, p. 37; GALVAGNO, 2006, p. 27; FRANCO, 2008, p. 47, 55, 56). Contudo, provavelmente este mito foi reelaborado durante o período em que a *apoikia* ródio-cretense de Gela começou, no VI séc. a.C., a penetração rumo ao interior: os *ápoikoi* estavam legitimando a sua expansão em detrimento dos territórios dos locais, resgatando um direito pregresso de pertencimento ao lugar e de primado cultural (MICCICHÈ, 2009, p. 35).

Diodoro Sículo (IV, 22-24) conta que o herói Hércules, após ter atravessado o interior da Sicília, confrontou-se com os heróis sicânios, que, ainda no tempo desse autor, eram cultuados na ilha. Passando pelo rio Salso, o herói grego foi acolhido pelas ninfas do rio e como sinal de gratidão para com elas a deusa Atena teria transformado as águas nas proximidades de Himera em águas termais (hoje a cidade se chama Termini Imerese). O mito de Hércules, além de ter uma função etiológica, carrega uma intenção de marcar o território com a presença grega desde os tempos míticos (GIANGIULIO, 1983; FRANCO, 2008, p. 58). Entre os mitos, lembramos o de Deméter e do rapto de Kore, que se passa na região da Sicília central, nas proximidades de Pergusa (Enna) (Diod., V, 3). Deméter e Kore são as divindades mais cultuadas pelas populações nativas da Sicília e é provável que ao longo do tempo elas tivessem substituído um culto já existente. Olhando esses mitos com uma atitude crítica, aqui não há dúvida que eles exprimem a existência de um contato na Idade do Bronze, como demonstram o registro arqueológico e as influências estilísticas e tecnológicas presentes na cultura material (veja-se *infra*).

¹² Heródoto (VII, 170, 1-2) e Diodoro Sículo (IV, 77-79). Os dois autores, porém, relatam detalhes diferentes da história: enquanto o primeiro só fala do cerco de cinco anos de Kámikos por parte dos cretenses, Diodoro acrescenta as fundações de duas cidades cretenses.

¹³ Por cima da qual seria fundada Heracleia Mínoa.

¹⁴ Sobre a identificação de Engyon, veja-se Franco (2008, p. 47-55).

Embora a Sicília esteja presente na literatura grega já nos textos homéricos,¹⁵ as fontes às quais se recorre são as do gênero histórico e etnográfico. Tradicionalmente, os povos da Sicília eram divididos em três etnias: os sículos ocupavam a área oriental, os sicânios a área central e os elímios a área ocidental. Conforme as fontes, os sicânios seriam os mais antigos habitantes, mas sobre a sua autoctonia há discordância. A autoctonia dos sicânios endossada por Diodoro (V, 6) na base da notícia de Timeu é desmentida por Tucídides (VI, 2), o qual, junto a Filisto de Siracusa (*apud* Diod., VI, 6), afirma que os sicânios teriam origem na Ibéria, onde se encontra um rio chamado Sicânio, e que de lá foram expulsos pelos lígures. Essa mesma tradição é referida por Éforo e Dionísio de Halicarnasso (GALVAGNO, 2006, p. 26). Pausânias (V, 25, 6) acrescenta uma terceira versão: os sicânios chegaram na Sicília vindos da Itália. Sobre a organização sociopolítica dos sicânios, Diodoro (V, 6, 1-3) afirma que, por causa dos piratas (*sic*), estes viviam em aldeias fortificadas e cada comunidade era regida por um chefe que a governava autonomamente.

Sobre os elímios, Tucídides (VI, 2) escreve:

Por ocasião da captura de Ílion, alguns troianos que haviam escapado aos aqueus navegaram para a Sicília e, fixando-se nas vizinhanças dos sícanos, foram chamados, como um povo, êlimos, enquanto suas cidades tinham os nomes de Êrix e Egesta. Lá se estabeleceram com eles alguns focos, que em seu regresso de Tróia foram levados por uma tempestade primeiro à Líbia e depois à Sicília.¹⁶

A identificação dos elímios nos coloca perante outra problemática não resolvida entre os estudiosos. Elímios significa “comedores de painço”, nome depreciativo com que os gregos chamavam as populações da Sicília ocidental por terem uma boa relação com os seus inimigos históricos, os cartaginenses (ALBANESE PROCELLI, 2003, p. 18). Com base em um fragmento de Helânico de Lesbos (GALVAGNO, 2006, p. 26) e devido à dificuldade de definir uma clara diferença entre o estilo cerâmico sicânio e elímio,¹⁷ muitos estudiosos afirmam que os sicânios e os elímios, na verdade, pertenceriam a uma só etnia, e mais do que uma diferença étnica, entre eles há uma diferença histórica (ALBANESE PROCELLI,

¹⁵ Na *Odisseia* (IX, 105-115), os habitantes míticos da Sicília, lestrígonos e ciclopes, são descritos como um povo sem civilização, que ignora a agricultura, as práticas do escambo e qualquer forma de organização política. Em outros trechos (XX, 382, 383; XXIV, 211, 365-366), os sículos são citados como mercantes de escravos e também recorre o nome Sikanie (XXIV, 307). Os poemas homéricos pertencem ao gênero literário da épica, portanto, Homero insere a Sicília e seus habitantes no contexto de uma narração mítica, sem nenhuma intenção de fornecer uma informação etno ou geográfica. Sobre as problemáticas ligadas à interpretação dos textos homéricos como fontes históricas, ver Sammartano (1998).

¹⁶ Trecho da tradução de Mário da Gama Kury (2001).

¹⁷ O historiador grego relata que na ilha se assentaram duas estirpes de origem itálica: os elímios e os sículos. Os sicânios não são mencionados e, por isso, segundo Galvagno (2006, p. 26), alguns estudiosos imaginaram que tal ausência seria sinal de uma identificação dos dois povos, sendo pertencentes à mesma etnia.

2003, p. 18). Outros, porém, lembram que a maioria das fontes textuais cita os três povos e, além disso, afirmam que há, sim, provas arqueológicas que confirmariam a origem diferente dos elímios.¹⁸

Sobre a origem peninsular dos sículos, as fontes textuais parecem concordar, mas não há uma versão unívoca com relação à etnia de origem. Tucídides (VI, 2) acreditava que os sículos, impulsionados pelos ôpices,¹⁹ teriam abandonado a península e alcançado a Sicília após a chegada dos elímios, ou seja, após a queda de Troia. Os sículos teriam derrotado os sicânios, obrigando-os a se retirar em direção ao interior e estabelecendo-se na parte melhor da Sicília, trezentos anos antes da chegada dos gregos. Antíoco de Siracusa (*apud* Dion. Hal., *Antiquitates Romanae*, I, 12, 3) refere-se à existência de um rei chamado Ítalo, que governou a Enótria. Quando Ítalo envelheceu, seu reino passou para Morgete. Neste território chegou Sículo, exilado de Roma, que recebeu a hospitalidade na corte do novo soberano. Sículo tornou-se muito poderoso e ganhou a liderança de uma parte do povo de Morgete. A partir desse momento o reino de Ítalo foi dividido em três grupos: sículos, morgetes e itálicos. Finalmente, os sículos foram expulsos da Itália pelos enótrios e pelos ôpices e foi assim que chegaram à Sicília. Para Helânico, os sículos eram elímios e ausônios que passaram a habitar a Sicília três gerações antes da guerra de Troia (FRANCO, 2008, p. 60). Para Filisto (*apud* Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I, 22, 4), os sículos eram lígures, que, perseguidos por úmbrios e pelasgos, mudaram de nome depois de atravessarem a Sicília, o que teria ocorrido oitenta anos antes da Guerra de Troia. Diodoro Sículo (V, 6) afirma que os sicânios tinham abandonado a região oriental da Sicília por causa de um terremoto e que os sículos, ao chegarem na ilha, ocuparam o território abandonado pelos sicânios, mas entre os dois povos ocorreram guerras frequentes por causa da ganância dos sículos.

A primeira fundação grega na Sicília foi Naxos (734 a.C.) e, graças às informações que há em Tucídides, somos capazes de datar as que seguiram. A partir desse momento, as fontes textuais se concentram na narração da história dos siciliotas, ou seja, os gregos que moraram na Sicília, tratando apenas marginalmente, por vezes de maneira confusa e contraditória, sobre o papel que as populações nativas desempenharam na ilha:

Agredidos, expulsos, vítimas de enganos, os indígenas aparecem nas fontes normalmente em relação aos acontecimentos das pólis gregas, mas ficam como pano de fundo sem assumir um papel autônomo como objeto historiográfico, quase como se a história não pertencesse a eles (CUSUMANO, 1994, p. 110).

¹⁸ Por exemplo, Tusa e Nicoletti (2000) afirmam que Mokarta, cidade sicânica nos limites da área centro meridional, teria sido destruída pelos elímios entre os séculos XI e X a.C.

¹⁹ A partir desse ponto do texto serão nomeados povos de origem itálica presentes nas fontes textuais citadas, sendo eles os ôpices, morgetes, enótrios, ausônios, úmbrios, pelasgos. Para aprofundar o assunto, aconselho a leitura da obra de Ampolo (1989).

É notório, entre historiadores e arqueólogos, que o *topos* literário da *éremos khóra* (a terra vazia) nas fontes antigas nasce de uma exigência de propaganda política para justificar o assentamento de muitas *apoikiai* em detrimento do território indígena. O que podemos deduzir das fontes textuais é que houve modalidades diferentes nas relações entre gregos e não-gregos no momento do contato (NENCI; CATALDI, 1983; DE ANGELIS, 2016, p. 60). Tucídides (VI, 3, 2) e Diodoro (XIV, 88, 1) lembram que as cidades de Siracusa e de Naxos foram fundadas por cima de aldeias de sículos expulsos para dar espaço aos recém-chegados. Mas também havia modalidades menos violentas e podiam ser feitos acordos pacíficos ou alianças, como no caso de Mégara Hibleia (Tuc., III, 4), fundada em uma área concedida aos megarenses pelo rei sículo Hyblon. As uniões matrimoniais eram também comuns, como lembrado em Polieno (V, 1, 4), no caso da proposta de casamento por parte do tirano de Akragas Faláride para com a filha do rei sicânio Têuto.

Fontes materiais: o que elas nos dizem sobre as sociedades da Sicília antiga da Idade do Bronze à Idade do Ferro

Ciente dos limites que frequentemente as fontes textuais apresentam, tratarei o dado material com a mesma cautela. Nos últimos vinte e cinco anos, novas pesquisas, novos problemas e novas abordagens teóricas trouxeram-nos interpretações diferentes e distantes da visão até então consolidada por uma tradição historiográfica de cunho classicista (cf. CUSUMANO, 1994, p. 29-49). Tal panorama contribuiu para a instituição de modelos helenocêntricos nos estudos da Sicília pré-histórica grega. Havia também uma lacuna nos estudos que priorizavam os dados arqueológicos, que paulatinamente começa a ser preenchida. Com a atualização da historiografia e das pesquisas arqueológicas isso vem mudando.

Em 1989, La Rosa produziu uma contribuição valiosa sobre a Sicília pré-histórica, baseando-se em inúmeros dados arqueológicos disponíveis à época. Descrevendo a fase Castelluccio (*infra*),²⁰ e declarando a falta de documentação material referente ao período, afirmou que essa cultura mostrava um caráter bastante estático e que a economia era essencialmente baseada em atividades agropastoris. Anos mais tarde, Castellana (1998) publicou os resultados da sua escavação em Monte Grande (Agrigento), onde tinha sido descoberta uma estrutura, datada da fase Castelluccio, para a extração e o processamento

²⁰ A pré e proto-história da Sicília foi dividida em fases (*facies*) nomeadas na base da cultura material dominante, ou seja, mais difundida em dado momento. Normalmente, as fases têm o nome da área geográfica em que foi individuada a produção original daquela cultura específica. A fase nomeada Castelluccio (localidade sob a jurisdição administrativa de Siracusa) vai do ano 2.200 a 1.450 a.C., o que a insere na Idade do Bronze Antigo.

do enxofre. Entre os vestígios, junto com fragmentos de cerâmica local, havia cerâmica micênica. Tal descoberta e mais outros estudos recentes sobre a produção cerâmica (COPAT; PICCIONE; COSTA, 2008) e os padrões de assentamento (IANNÌ, 2006; 2007) do período de Castelluccio estão modificando a perspectiva dos estudos. Tais exemplos demonstram que a pesquisa arqueológica sobre a Sicília “não grega” (sobretudo das épocas pré e proto-históricas) é ainda um campo quase inexplorado. Contudo, o paulatino avanço destes estudos tem revelado novas informações, que aos poucos poderão contribuir para desvendar um passado silenciado pelas fontes escritas.

O estudo da cultura material permitiu observar o fluxo de culturas que definiram a pré e proto-história siciliana. Alguns sítios arqueológicos apresentam características observadas, em geral, nos vestígios arqueológicos, mas principalmente nos restos cerâmicos, que marcaram importantes pontos de virada no processo de passagem de uma fase para a outra. A Idade do Bronze Antigo foi marcada pelas fases Castelluccio e Tindari-Rodì-Vallelunga.²¹ Excluindo a área da Sicília setentrional, a fase Castelluccio era bastante difusa na ilha inteira e a sua produção cerâmica, apesar de ter um patrimônio estilístico comum, apresenta muitas variáveis por conta da sua extensão geográfica e cronológica (COPAT; PICCIONE; COSTA, 2008, p. 211). Além da agricultura, deviam ser praticadas extração de minerais e atividades comerciais, como mostraram os vestígios na Grécia Balcânica, datados da fase Heládico Antigo e Médio (2.500 a 1.550 a.C.), que precede o Período Micênico (dividido em várias fases, vai de 1.550 a 1.025 a.C.). De grande interesse são as tumbas monumentais encontradas em alguns sítios sicilianos (PANCUCCI, 2006, p. 111), que podem ser consideradas elementos de prestígio em uma época em que o metal não estava circulando difusamente (LA ROSA, 1989, p. 6).

Quase contemporânea da fase Castelluccio é a fase Tindari-Rodì-Vallelunga, que marca a passagem para o período sucessivo. É no Bronze Médio que os contatos com o mundo micênico se tornam frequentes e determinam uma transformação urbana e social. No território de Siracusa se encontra muita cerâmica importada e no de Agrigento há claros vestígios do comércio de metais. As fases mais difusas são a Mokarta e a Thapsos (1.450 a 1.250 a.C.). A transição do Bronze Médio para o Tardio foi particularmente rica em mudanças, seja no âmbito tecnológico seja, por consequência, no âmbito social. Se o Bronze Médio é caracterizado pela influência egeia-cipriota, no Bronze Tardio é evidente a presença de grupos de procedência continental da Península Itálica. Todas as fases datadas desse período documentam a forte presença de etnias distintas em quase toda

²¹ Lembramos também as fases Moarda e do copo campaniforme, que tiveram uma difusão menor.

a ilha,²² que provavelmente, nas fontes textuais, são identificadas com a invasão dos sículos (ORLANDINI, 1971, p. 11). No Bronze Tardio, a Sicília oriental parece ter conhecido um momento de maior recepção aos estímulos externos, enquanto a Sicília central e a ocidental continuavam perpetrando modelos ligados à tradição egeia. Na Idade do Ferro (1.000 a 660 a.C.), que corresponde ao momento em que os gregos começaram a se estabelecer na ilha, tem-se as fases Pantálica III (ou Pantálica sul), Sant'Angelo Muxaro, Polizzello e Finocchito (I, II). A fase Pantálica III, particularmente presente na Sicília oriental, manifesta uma homogeneidade cultural entre os grupos peninsulares e os locais; é com essa cultura que os *ápoikoi* se confrontaram ao chegar na ilha no final do séc. VIII a.C. Bem diferente é a situação na Sicília central e ocidental, dominada pelas fases S. Angelo Muxaro e Polizzello com um caráter mais tradicional, principalmente na produção cerâmica e nos padrões de assentamento (ALBANESE PROCELLI, 2003, p. 44).

Alguns estudos de caso

A cultura material é atrelada à sociedade que a produziu, sendo a manifestação dos seus valores, gostos e identidade. Além de não sermos sempre capazes de reconhecer uma identidade étnica nas produções artesanais (DE ANGELIS, 2003, p. 24; HODOS, 2006, p. 153), também é difícil inferir as intenções e os pensamentos que estavam por trás de determinadas escolhas estilísticas. Contudo, a cultura material nos dá acesso a informações relativas à estrutura social e aos princípios que as pessoas compartilhavam, mas principalmente às formas de resistência, aceitação e interpretação de elementos internos e externos por parte da comunidade como elemento ativo dos processos de criação e transformação social (ANTONACCIO, 2004, p. 65). Para se ter uma ideia das mudanças que intercorreram nas sociedades da Sicília antiga em consequência das conexões expostas acima, é interessante observar alguns estudos de caso relativos à produção têxtil, às práticas funerárias e à religião.

Como colocado por Albanese Procelli (2003, p. 79), a possibilidade de dedicar-se às atividades artesanais especializadas é proporcional ao aumento da produção alimentar e da sua estocagem, pois isso pouparia um grupo de indivíduos das incumbências da produção agrícola, permitindo-lhe assim concentrar-se em outras atividades produtivas. Este processo de diferenciação das competências na Sicília começou no Bronze Tardio e se concluiu na Idade do Ferro. Nessa época é possível distinguir diferentes tradições

²² Pantálica I-II, Ausônio I-II, Montagna di Caltagirone, Dessucri, Cassibile, Molino della Badia, Madonna del Piano, Morgantina.

artesanais sobretudo na produção cerâmica, determinadas pela introdução na fabricação do torno, pela qualidade da pasta cerâmica e das técnicas de decoração (ALBANESE PROCELLI, 2003, p. 80-81). Tais diferenças no estilo demarcam as fases da pré e proto-história da Sicília. Sem dúvida, o contato com as populações egeias e da Itália peninsular determinou um avanço notável na produção.

Há alguns anos as universidades de Leicester, Exeter e Glasgow estão desenvolvendo o projeto *Tracing networks. Craft traditions in Ancient Mediterranean*.²³ Tal projeto tem o propósito de investigar as tradições artesanais e as técnicas que foram transmitidas no Mediterrâneo entre a Idade do Bronze e o Helenismo, e qual foi a rede de relações humanas que se criou em consequência das trocas (QUERCIA; FOXHALL, 2015, p. 45). Pesos de tear são estudados para entender não apenas como acontecia a produção têxtil em si, mas também a repercussão de tal atividade nas relações entre sociedades. As pesquisas feitas na Sicília mostram que os teares verticais eram conhecidos entre as populações nativas já antes do encontro com os *ápoikoi*, mas eles deviam ser de pequenas dimensões e com poucos contrapesos. Além disso, no mobiliário das tumbas femininas são encontrados, principalmente, fusos, mostrando que nessa sociedade a atividade têxtil não era característica de determinada classe social. Os gregos que se estabeleceram na ilha trouxeram novas tecnologias ligadas à arte da tecelagem e as comunidades locais as adotaram a partir do séc. VI a.C. Um dado muito interessante emerge da análise dos pesos do V ao começo do III séc. a.C.: as práticas de tecelagem e os próprios pesos são objetos de fenômenos de adoção, troca e transmissões artesanais entre as comunidades grega, indígena e púnica, exprimindo a *koiné* cultural e artesanal típica da época (QUERCIA; FOXHALL, 2015, p. 54 ss). Destinado ao estudo específico da tecelagem e fiação, no contexto da Sicília da pré e proto-história, tem-se o projeto de P. Militello *Textiles in Sicily* (TE.SI) (MILITELLO; LONGHITANO; MESSINA, 2015, p. 65).²⁴ Inserido neste projeto há um estudo conduzido sobre fusos e pesos de tear expostos no Museu Arqueológico de Caltanissetta; os seus resultados apontam que, no caso específico das comunidades da Sicília central, a atividade de fiação parecia manter uma resistência maior às inovações e uma perpetuação das formas tradicionais indígenas, enquanto a tecelagem, a partir do séc. V a.C., recebeu uma influência bem maior por parte dos gregos estabelecidos na área. Os pesos de forma tronco-piramidal de manufatura indígena (Figura 1a), após um processo de evolução na fatura e no material, foram definitivamente substituídos por

²³ Cf.: <<http://www.tracingnetworks.ac.uk>>.

²⁴ Esse projeto se inspira no projeto dinamarquês, coordenado por M. L. Nosh, *Center for Textil Research* (CTR) em Copenhague (MILITELLO; LONGHITANO; MESSINA, 2015, p. 65).

pesos em forma redonda, *oscilla* (Figura 1b), mais adequados à produção de tecidos finos (MILITELLO; LONGHITANO; MESSINA, 2015, p. 71; 75).

Figura 1a – Dentro do círculo vermelho, um peso de tear de forma tronco-piramidal encontrado em Le Rocche (Pietraperzia, Sicília)



Figura 1b – Peso de tear em forma de disco encontrado em Gadira (Caltanissetta, Sicília)



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de campo (2015). **Fonte:** Arquivo pessoal. Pesquisa de campo (2015).

Algumas práticas funerárias indígenas persistiram durante toda a Idade do Bronze. Um tipo de sepultura muito difuso foi a tumba em *grotticella*,²⁵ que, a partir da Idade do Cobre, permaneceu em uso até a Época Arcaica (LA ROSA, 1989, p. 5); outro tipo de tumba igualmente antigo e difuso é o tipo em forno,²⁶ ou hipogeu, em uso até o Bronze Tardio. As tumbas hipógeas seguiam o padrão das habitações, portanto elas eram de forma redonda até a Época Arcaica, quando assumiram uma forma retangular ou quadrada. As tumbas, nas sociedades mais antigas, eram constituídas por celas múltiplas para amparar um grupo familiar “ampliado”, de tipo patriarcal. Na fase final da Idade do Bronze, as grandes tumbas plurifamiliares foram substituídas por tumbas monocelulares, nas quais eram depositadas famílias de tipo nuclear (pai, mãe, filhos). Um sinal da presença de etnias de origem peninsular é o hábito de cremar os defuntos e de privilegiar uma arquitetura funerária não hipógea, ou seja, de usar preferencialmente tumbas em fossa

²⁵ Ou *grotticella* artificial. Escavação com função funerária de forma análoga à tumba em forno, mas obtida nas paredes rochosas verticais. É um tipo de tumba característico da Idade do Bronze e pode ser precedida por um vestíbulo ou um pequeno corredor (GUZZONE, 2006, p. 397).

²⁶ Escavação com função funerária em planta circular e com a volta hemisférica, abaixo ou ao nível do chão, com um pequeno poço de acesso vertical. Segundo alguns estudiosos este tipo funerário seria de origem oriental e testemunha do contato entre as culturas da Sicília antiga e as orientais na Idade do Cobre (GUZZONE, 2006, p. 397).

ou em *enkhytrismós*. Esta última tipologia era difusa também entre as etnias indígenas (do Bronze Antigo até o Bronze Médio) e consistia em colocar os corpos em posição acocorada dentro de um recipiente de terracota. A partir da metade do séc. VI a.C., o sepultamento de tipo hipogeu inspirou-se em modelos gregos na sua arquitetura (Figura 2). Os sepultamentos mais difusos continuaram mantendo deposições múltiplas, principalmente nos centros do interior, enquanto a inumação individual foi mais frequente a partir da segunda metade do V séc. a.C.

Figura 2 – À esquerda, necrópole sul do sítio de Sabucina (Caltanissetta); à direita, necrópole oeste do sítio de Le Rocche (Pietraperzia). No primeiro caso, as duas tumbas em forno da necrópole foram decoradas com um ingresso monumental e, em Le Rocche, as tumbas em *grotticella* foram ampliadas e nas paredes laterais foram escavados dois bancos em imitação das *klínai*, ou seja, as camas dos banquetes



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de campo (2015 e 2017).

Os mobiliários funerários são particularmente ricos a partir da fase final da Idade do Bronze: nos sepultamentos encontram-se objetos que caracterizam o papel social do defunto, como armas ou ferramentas de trabalho. A partir da Idade do Ferro, as tumbas femininas são particularmente ricas (ALBANESE PROCELLI, 2003, p. 62) e essa tendência se mantém por toda a Época Arcaica e, em alguns casos, também na época clássica. A partir do momento do contato, o mobiliário e os ritos de sepultamento assumem um caráter misto. O arqueólogo se depara com situações diferentes e de árdua interpretação, nas quais é difícil determinar, pelo tipo de rito funerário e pelos objetos que acompanham o defunto, se se está na presença de um indígena que acolheu valores gregos ou vice-versa (SHEPHERD, 2005).

As mudanças nas crenças religiosas são visíveis nas formas de culto, sobre as quais podemos ter alguma informação pelas fontes materiais. Entre os testemunhos

mais antigos da civilização na Sicília há as gravuras rupestres da gruta da Addaura (Palermo) datadas do Mesolítico (9.000 a 6.000 a.C.) (LEIGHTON, 1999, p. 39). Conforme a interpretação de Sebastiano Tusa (2006, p. 25; 27), as gravuras representariam figuras humanas vestindo aparentemente máscaras de aves, talvez durante um ritual sagrado, sugerindo a importância simbólica desse animal durante a época páleo-mesolítica entre as populações da ilha. O mesmo tema também foi encontrado em decorações da cerâmica e em outras pinturas do Neolítico antigo e médio. Parece, portanto, que o elemento “ar”, relacionado aos pássaros, era prevalente, assim como o caráter venatório nos rituais, ao passo que a partir da Idade do Bronze a produção artística recorreu à iconografia do mundo agropastoril (ALBANESE PROCELLI, 2003, p. 113; 213).

Os temas iconográficos ligados ao caráter da fertilidade encontrados principalmente em contextos funerários da fase Castelluccio são provavelmente de influência oriental (Figura 3). Uma conexão, ocorrida nos séculos XIV e XIII a.C., entre os povos da Sicília e os micênicos está presente de fato nos mitos de Kókalos, Minos e Dédalo.²⁷ Provavelmente, foram os micênicos a introduzir o culto das *Meteres* (Grandes Mães), documentado em vários sítios, que mais tarde foi substituído pelo culto de Deméter e Kore, mas do qual permaneceram vestígios até a época arcaica (Figura 4).

Figura 3 – Painel de fechamento de uma sepultura da necrópole de Castelluccio (Museu arqueológico Paolo Orsi, Siracusa)



Fonte: <https://commons.wikimedia.org>. Acesso em: 08 jul. 2018.

²⁷ Transmitidos por Heródoto (VII, 169-171); Diodoro (IV, 76-80) e Estrabão (VI, 273, 279).

Figura 4 – Cabeças femininas de marfim do *sacellum* B (VI séc. a.C.) do sítio de Polizzello (Mussomeli, Sicília)



Fonte: Perna (2015, p. 148).

São documentados também os cultos das águas mananciais, nas proximidades das quais podem ser encontrados *ex-voto* até a Época Clássica. A religião desempenhou um papel fundamental na construção da paisagem política siciliota, que, no momento do assentamento, priorizava a construção de seus templos em lugares bem visíveis, com o intuito de criar uma rede de domínio cultural por meio da representação do sagrado:

[...] a implantação dessas áreas sagradas com suas edificações atende não apenas às necessidades das práticas religiosas, dos rituais, mas assume um significado político, sinaliza concretamente no espaço relações de poder vigentes em uma pólis e entre as pólis de uma região. Assim, o templo monumental construído pela pólis na *asty* para celebrar as divindades *políades* é também um marco na paisagem da decisão coletiva de investir recursos de grande magnitude na representação dessa comunidade tanto frente às outras pólis quanto para seus cidadãos. As edificações sagradas, que no Ocidente grego avançam pela *khóra* em direção aos assentamentos das populações não gregas e vão consolidando a posse do território, são marcos religioso-políticos do domínio das terras, mas, ao mesmo tempo, espaços onde o contato com vistas às trocas de produtos, eventuais participações conjuntas em cultos e as negociações de poder mobilizam as populações vizinhas (HIRATA, 2010, p. 55-56).

A evidência material das áreas sacras é principalmente relacionada à prática das oferendas e dos banquetes, mas também foram encontradas armas e armaduras (SPATAFORA, 2015). Com relação aos cultos, sabemos que a maioria dos santuários indígenas, após o contato com os *ápoikoi*, foram dedicados aos cultos ctônios, principalmente os de Deméter e Kore. Esta evidência arqueológica nos diz muito a respeito das dinâmicas sociais no momento da instalação de componentes gregas nos centros nativos. Caterina Trombi (2015, p. 339) lembra, citando De Polignac (1984), que as

trirremes gregas nem sempre previam a presença de mulheres na tripulação,²⁸ e por isso o elemento indígena era muito importante na estratégia de assentamento. As mulheres indígenas que se uniram em casamento com os gregos provavelmente receberam com boa disposição o culto de Deméter e Kore, intimamente ligado aos ciclos de vida da Terra assim como à fertilidade. É o próprio Diodoro (IV, 79-81; V, 2) que sugere isto, quando fala que os povos da Sicília (antes do séc. VIII a.C.) tinham substituído o culto das *Meteres* pelo de Deméter e Kore. Portanto, o elemento feminino indígena era indispensável, do ponto de vista social e econômico, para o crescimento, o bem-estar e a estabilidade das *apoikiai*, pois as mulheres garantiam a continuidade das estirpes e “gerenciavam” os ritos de fertilidade da terra (TROMBI, 2015, p. 340).

Práticas rituais e cultos eram muito importantes do ponto de vista sociocultural, pois envolviam a comunidade inteira; por meio dos rituais era reafirmado o sentimento de afiliação ao grupo e, portanto, a identidade. O recurso a elementos alógenos não se traduz na adoção indiscriminada de novos modelos de comportamento; pelo contrário, a presença de objetos importados, sempre associados no contexto arqueológico a objetos de produção local, é índice de uma hibridização capaz de fornecer um significado novo à concepção do mundo, da comunidade e dos rituais. Isto acrescentava e reforçava normas e valores indígenas, criando símbolos novos de poder que se adaptavam melhor às novas necessidades sociais e políticas que afetavam essas pessoas como um grupo unitário (FERRER, 2013).

Conclusão

A materialidade e o seu estudo por parte da Arqueologia são fundamentais para entendermos as relações que intercorreram entre grupos sociais do passado na bacia do Mediterrâneo. Ou seja, a observação e a análise dos objetos em relação ao contexto – local e global – são capazes de revelar as conexões entre pessoas. Essas conexões deram um novo impulso ao desenvolvimento das sociedades e, ao mesmo tempo, contribuíram para a reformulação ou até a criação das identidades, conforme oportunamente colocado por Knapp e Dommelen:

Adotar uma perspectiva a partir da cultura material para estudar os encontros sociais e culturais e as misturas de pessoas e objetos no Mediterrâneo nos permite colocar em foco a materialidade dos encontros migratórios, coloniais e culturais e

²⁸ Cusumano (1994, p. 99) discorda e afirma que, com base nas fontes textuais, não é possível excluir, *a priori*, a presença do elemento feminino nas primeiras expedições gregas.

o seu papel na reconstrução de identidades existentes e na formulação de novas identidades híbridas (KNAPP; VAN DOMMELEN, 2010, p. 4-5).

Como tentei mostrar, as mudanças que os contatos trouxeram no Mediterrâneo e, no caso do presente estudo, na Sicília, são bem visíveis, não apenas na produção artística, mas também na tecnologia da produção e nos ritos funerários. O estudo conjunto das fontes textuais e da cultura material proporciona a melhor forma de nos aproximarmos do conhecimento das sociedades da Antiguidade. Muitos avanços foram feitos nos últimos anos, mas ainda há grandes lacunas na pesquisa arqueológica de campo; elas precisam ser preenchidas para obtermos uma visão mais abrangente e coerente da Sicília antiga e da relação de seus habitantes com o contexto mediterrânico até a Idade do Ferro.

Para concluir, espero que com a pesquisa que estou conduzindo desde o meu doutoramento possa contribuir para o conhecimento das dinâmicas de contato e de assentamento na Sicília antiga, acrescentando uma pequena peça ao grande quebra-cabeça que ainda hoje é o Mediterrâneo no período pré e proto-histórico.

Referências

Documentação textual

- DIODORO SICULO. *Biblioteca storica*. Libri IX-XIII. Tradotto da Calogero Micciché. Milano: BUR, 2016.
- DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *Roman Antiquities*: books 1-2. English translation by Ernest Cary. Cambridge: Harvard University Press, 1937. v. 1.
- HERODOTUS. *The Persian Wars*: books V-VII. English translation by G. P. Goold. London: Harvard University Press, 2006.
- HOMERO. *Odissea*. Tradotto da Di Benedetto. Milano: BUR, 2016.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*: books 3-5. English translation by W. H. S. Jones and H. A. Ormerod. Cambridge: Harvard University Press, 1918. v. 2.
- STRABO. *Geographia*. English translation by Horace Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1923. v. 3.
- THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*: books VII-VIII. English translation by Charles Foster Smith. London: Harvard University Press, 2003.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

Obras de apoio

- ALBANESE PROCELLI, R. M. *Sicani, siculi, elimi: forme di identità, modi di contatto e processi di trasformazione*. Milano: Longanesi, 2003.
- AMPOLO, C. (Ed.). *Italia omnium terrarum parens: la civiltà degli enotri, choni, ausoni, sanniti, lucani, brettii, sicani, siculi, elimi*. Milano: Libri Scheiwiller, 1989.
- ANTONACCIO, C. M. Siculo-geometric and Sikels. In: LOMAS, K. (Ed.). *Greek identity in the Western Mediterranean*. Leiden: Brill, 2004, p. 55-81.
- CASTELLANA, G. *Il santuario castellucciano di Monte Grande e l'approvvigionamento dello zolfo nel Mediterraneo nell'età del Bronzo*. Palermo: Regione Sicilia, 1998.
- COPAT, V.; PICCIONE, P.; COSTA, A. La ceramica dipinta della facies di Castelluccio: variabilità stilistica e confini territoriali. *Rivista di Scienze Preistoriche*, v. 58, p. 211-238, 2008.
- CUSUMANO, N. *Una terra splendida e facile da possedere: i Greci e la Sicilia*. Roma: Giorgio Bretschneider, 1994.
- DAVERIO ROCCHI, G. Centro e periferia: forme dell'immaginario e spazio vissuto in contesti coloniali. In: GAZZANO, F.; AMANTINI, L. S. (Ed.). *Incontri e conflitti: ripensando la colonizzazione greca*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2010, p. 3-26.
- DE ANGELIS, F. *Archaic and classical Greek Sicily: a social and economic history*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- DE ANGELIS, F. Equations of culture: the meeting of natives and Greeks in Sicily (ca. 750-450 BC). *Ancient West & East*, v. 2, n. 1, p. 19-50, 2003.
- DE POLIGNAC, F. *La naissance de la cité grecque: culte, espace et société au VIII-VII siècles av. J.-C.* Paris: La Découverte, 1984.
- DER, L.; FERNANDINI, F. *Archaeology of entanglement*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2016.
- DIETLER, M. Consumption, cultural frontiers and identity: anthropological approaches to Greek colonial encounters. In: TRENTASETTESIMO CONVEGNO DI STUDI SULLA MAGNA GRECIA. 1999, Taranto. *Atti del Trentasettesimo Convegno di Studi Sulla Magna Grecia*. Taranto: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 1999, p. 475-501.
- DIETLER, M. Consumption. In: HICKS, D.; BEAUDRY, M. (Ed.). *The Oxford handbook of material culture studies*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 207-226.
- DOUGHERTY, C. *The poetic of colonization: from city to text in Archaic Greece*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

- FERRER, M. M. Feasting the community: ritual and power on the Sicilian acropoleis (10th - 6th centuries B.C.). *Journal of Mediterranean Archaeology*, v. 26 (2), p. 211-234, 2013.
- FRANCO, A. *Periferia e frontiera nella Sicilia antica: eventi, identità a confronto e dinamiche antropiche nell'area centro-settentrionale fino al IV sec. a.C.* Roma: Fabrizio Serra, 2008.
- GALVAGNO, E. I sicani: profilo storico. In: GUZZONE, C. (Ed.). *Sikania: tesori archeologici della Sicilia centro-meridionale (secoli XIII-VI a.C.)*. Catania: Giuseppe Maimone, 2006, p. 25-31.
- GAZZANO, F. Dalla lingua all'ethos: i Greci e l'idea del barbaro. In: CAMPODONICO, A.; VACCAREZZA, M. S. (Ed.). *Gli altri in noi: filosofia dell'interculturalità*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2009, p. 3-26.
- GIANGIULIO, M. Greci e non-Greci in Sicilia alla luce dei culti e delle leggende di Eracle. In: COLLOQUE DE CORTONE. 1981, Rome. *Actes du colloque de Cortone*. Rome: École Française de Rome, 1983, p. 785-846.
- GUZZONE, C. (Ed.). *Sikania: tesori archeologici della Sicilia centro-meridionale (secoli XIII-VI a.C.)*. Catalogo della mostra, Wolfsburg-Hamburg, ottobre 2005 - marzo 2006. Catania: Giuseppe Maimone, 2006.
- HIRATA, E. F. V. *Arqueologia, religião e poder político no Ocidente grego*. 2010. Tese (Livre Docência). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- HIRATA, E. F. V. Paisagem sagrada e paisagem política na Sicília grega. In: VII ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO DE HISTÓRIA ANTIGA (GTHA/ANPUH): A BUSCA DO ANTIGO, 2010, Rio de Janeiro. *Anais do VII Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de História Antiga (GTHA/ANPUH): a busca do antigo*. Associação Nacional de História, 2010, p. 55-65.
- HODOS, T. *Local responses to colonization in the Iron Age Mediterranean*. New York: Routledge, 2006.
- IANNÌ, F. La Valle del Salso nel corso della facies di Castelluccio: note insediamentali. In: CARDARELLI, A.; PACCIARELLI, M.; VANZETTI, A. (Ed.). *Studi di protostoria in onore di Renato Peroni*. Firenze: All'insegna del Giglio, 2006, p. 551-556.
- IANNÌ, F. Modalità insediative nel bacino del fiume Salso nel corso della facies di Castelluccio. *Annali dell'Università degli Studi di Ferrara. Museologia Scientifica e Naturalistica*. Ferrara, volume speciale, p. 17-20, 2007.
- INGOLD, T. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.

- INGOLD, T. Two reflections on ecological knowledge. In: SANGA, G.; ORTOLLI, G. (Ed.). *Natural knowledge*. New York: Bergahn Books, 2004, p. 301-311.
- KNAPP, A. B.; VAN DOMMELEN, P. Material connections. Mobility, materiality and Mediterranean identities. In: VAN DOMMELEN, P.; KNAPP, A. B. (Ed.). *Material connections in the ancient Mediterranean: mobility, materiality and identity*. London: Routledge, 2010, p. 2-18.
- LA ROSA, V. Le popolazioni della Sicilia: sicani, siculi, elimi. In: AMPOLO, C. (Ed.). *Italia omnium terrarum parens: la civiltà degli enotri, choni, ausoni, sanniti, lucani, brettii, sicani, siculi, elimi*. Milano: Libri Scheiwiller, 1989, p. 4-110.
- LEIGHTON, R. *Sicily before history: an archaeological survey from the Paleolithic to Iron Age*. Ithaca: Cornell University Press, 1999.
- LO MONACO, V. Greek and non-Greek entanglement in central Sicily (7th-4th cent. BC). In: ΜΕΓΙΣΤΗ ΚΑΙ ΑΡΙΣΤΗ ΝΗΣΟΣ. SYMPOSIUM ON ARCHAEOLOGY OF SICILY, 2019, São Paulo. *Μεγίστη και άριστη νήσος. Symposium on Archaeology of Sicily*. Roma: Arbor Sapientiae, 2019, p. 23-37.
- LO MONACO, V. Phrourion: history and archaeology of a word. *Revista História Unesp* (no prelo).
- MALKIN, I. *A small Greek world: networks in the Ancient Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- MALKIN, I. Networks and the emergence of Greek identity. *Mediterranean Historical Review*, 2003, v. 18, n. 2, p. 56-74.
- MAZZA, M. Identità e religioni: considerazioni introduttive. In: ANELLO, P.; MARTORANA, G.; SAMMARTANO, R. (Ed.). *Ethne e religioni nella Sicilia antica*. Roma: Giorgio Bretschneider, 2006, p. 1-22.
- MICCICHÈ, C. Falaride e la Sicania: expansionismo akragantino e resistenza sicana. In: PANVINI, R.; SOLE, L. (Ed.). *La Sicilia in età arcaica: dalle apoikiai al 480 a.C. Contributi dalle recenti indagini archeologiche*. Palermo: Centro Regionale per L'inventario, la Catalogazione e la Documentazione, 2009, p. 33-42.
- MICCICHÈ, C. *Mesogheia: Archeologia e storia della Sicilia centro-meridionale dal VII al IV sec. a.C.* Caltanissetta: Sciascia, 2011.
- MILITELLO, P.; LONGHITANO, G.; MESSINA, T. Tra indigeni e Greci: la filatura e la tessitura in area nissena. In: INDIGENI E GRECI TRA LE VALLI DELL'HIMERA E DELL'HALYKOS, 2012. *Atti del Convegno...* Caltanissetta, Museo Archeologico Regionale, 2012. Palermo: Regione siciliana, 2015, p. 64-85.
- MOGGI, M. Qualche riflessione sull'alterità e identità in Grecia (Epoca Arcaico-Classica). *I Quaderni del Ramo d'Oro*, n. 1, p. 54-72, 2008.

- MORRIS, I. Mediterraneanization. *Mediterranean Historical Review*, v. 18, n. 2, p. 30-55, 2003.
- NENCI, G; CATALDI, S. Strumenti e procedure nei rapporti tra Greci e indigeni. In: COLLOQUE DE CORTONE : MODES DE CONTACTS ET PROCESSUS DE TRANSFORMATION DANS LES SOCIETES ANCIENNES. Rome. *Actes du Colloque de Cortone...*Rome: École Française de Rome, 1983, p. 581-605.
- ORLANDINI, P. Vassallaggi (San Cataldo): scavi 1961. I. La necropoli meridionale. Rome: Accademia Nazionale dei Lincei, 1971.
- PANCUCCI, D. I Sicani. In: ANELLO, P., MARTORANA, G., SAMMARTANO, R. (Ed.). *Ethne e religioni nella Sicilia antica*. Roma: Giorgio Bretschneider, 2006, p. 107-119.
- PERNA, K. I segni dei Greci e il mondo degli Indigeni. Incontri, interrelazioni e elaborazioni culturali nel santuario di Polizzello. *Annali della Facoltà di Scienze della Formazione di Catania*, v. 14, p. 133-157, 2015.
- PLATVOET, J. G.; VAN DER TOORN, K. (Ed.). *Pluralism and identity: studies in ritual Behaviour*. Leiden: Brill, 1995.
- QUERCIA, A.; FOXHALL, L. 'Weaving Relationships': i pesi da telaio come indicatori di dinamiche produttive e culturali in Sicilia. In: INDIGENI E GRECI TRA LE VALLI DELL'HIMERA E DELL'HALYKOS, 2012. *Atti del Convegno...* Caltanissetta, Museo Archeologico Regionale, 2012. Palermo: Regione siciliana, 2015, p. 45-63.
- SAMMARTANO, R. *Origines gentium siciliae*: Ellanico, Antioco, Tucidide. Roma: Giorgio Bretschneider, 1998.
- SHEPHERD, G. Dead men tell no tales: ethnic diversity in Sicilian colonies and the evidence of the cemeteries. *Oxford Journal of Archaeology*, v. 24, n. 2, p. 115-136, 2005.
- SPATAFORA, F. Set cerimoniali e offerte nei luoghi di culto indigeni della Sicilia occidentale. In: ROURE, R. (Ed.). *Contacts et acculturations en Méditerranée Occidentale: hommages à Michel Bats*. Paris: Errance, 2015, p. 111-120.
- TROMBI, C. Indigeni e Greci nel santuario extra-urbano di Sant'Anna. In: INDIGENI E GRECI TRA LE VALLI DELL'HIMERA E DELL'HALYKOS, 2012. *Atti del Convegno...* Caltanissetta, Museo Archeologico Regionale, 2012. Palermo: Regione siciliana, 2015, p. 333-349.
- TUSA, S. Considerazioni sulla religiosità delle popolazioni pre-elleniche siciliane tra il Paleolitico Superiore e l'Età del Bronzo. In: ANELLO, P.; MARTORANA, G.; SAMMARTANO, R. (Ed.). *Ethne e religioni nella Sicilia antica*. Roma: Giorgio Bretschneider, 2006, p. 23-42.
- TUSA, S.; NICOLETTI, R. L'epilogo sicano nella Sicilia occidentale: il caso Mokarta, capanna I. In: TERZE GIORNATE INTERNAZIONALI DI STUDI SULL'AREA ELIMA: GIBELLINA,

ERICE, CONTESSA ENTELLINA, 1997, Pisa. *Atti delle...* Pisa: Scuola Normale Superiore di Pisa, 2000, p. 963-977.

VLASSOPOULOS, K. Beyond and below the Polis: networks, associations and the writing of Greek history. *Mediterranean Historical Review*, v. 22, n. 1, p. 11-22, 2007.